



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CAMPUS II – AREIA-PB
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

KAMILA MOREIRA DA COSTA

**USO INDISCRIMINADO DE MEDICAMENTOS EM ANIMAIS
POR TUTORES DO BREJO PARAIBANO**

**AREIA
2020**

KAMILLA MOREIRA DA COSTA

**USO INDISCRIMINADO DE MEDICAMENTOS EM ANIMAIS
POR TUTORES DO BREJO PARAIBANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Medicina Veterinária pela
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Professora. Dr^a Anne Evelyne
Franco de Souza.

**AREIA
2020**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C838u Costa, Kamilla Moreira da.

Uso indiscriminado de medicamentos em animais por tutores do brejo paraibano / Kamilla Moreira da Costa.

- Areia:UFPB/CCA, 2020.

49 f.

Orientação: Anne Evelyne Franco de Souza.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Automedicação animal. 2. Medicamentos. 3. Vermífugo.
I. Souza, Anne Evelyne Franco de. II. Título.

UFPB/CCA-AREIA

CDU 636.09(02)

KAMILLA MOREIRA DA COSTA

**USO INDISCRIMINADO DE MEDICAMENTOS EM ANIMAIS
POR TUTORES DO BREJO PARAIBANO**

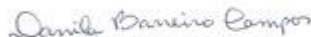
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Medicina Veterinária pela
Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 09/12/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dr.ª. Anne Evelyne Franco de Souza (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof.ª. Dra. Danila Barreiro Campos
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Médica Veterinária Dayana Inocêncio da Costa.

Aos meus pais, por todo amor depositado a
nossa família e ao próximo, por nosso
amor em comum ao animais, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus que ao longo desses anos longe de casa sempre me amparou, me cuidou, agradeço pelos infinitos anjos que o Senhor colocou em meu caminho, muitos quando eu mais precisava, outros quando eu nem imaginava que precisava. O Senhor, por diversas e inexplicáveis formas, sempre esteve em minha companhia.

Aos amigos e família que a veterinária me presenteou, cito aqui Anderson Emmanuel por todo conforto de suas palavras e amizade (e por todas as caronas ofertadas pelo seu jackmovel), a Raquel da Costa por toda sua cumplicidade, pelas pausas na pracinha do mototaxi, pelos lanches no trailer, pelas aventuras vividas e compartilhadas, a Deborah Kelly pela sua amizade, bom humor e sua musicalidade que por muitas vezes eram exploradas por mim, e a sua mãe por ter me acolhido como filha, a todos os nossos chás da tarde, a todas as noites no castelo, nossos encontros embalados com muita música e violão, e pelas inúmeras madrugadas de estudos que por sinal era quando saía as melhores conversas e histórias amenizando toda exaustão das provas e atividades. A Lucas carvalho (meu roommate) pela leveza da sua companhia e pelo seu gosto musical que animava qualquer sexta feira longe de casa.

À todos os colegas de classe, de curso que tornaram a vivência desses anos tão mais leve e por terem sidos tão maravilhosos comigo.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Anne Evelyne Franco de Souza por toda sua generosidade e disponibilidade para comigo durante todo nosso convívio, pela oportunidade de trabalhar com a extensão durante esses dois anos de projeto “MEDICA-CÃO”, no qual tenho muito orgulho em fazer parte, projeto que foi a inspiração pra a realização desse trabalho. Meu eterno agradecimento por todo ensinamento e confiança.

Aos professores do curso de Medicina Veterinária da UFPB pelos ensinamentos passados nestes cinco anos de curso.

Aos meus amigos de infância, Breno Lino, Alyne Leite, Thailla Gaião, Bia Diniz, Stefânia Lima pelo apoio incondicional, por compreenderem a minha ausência em muitos momentos e por torcerem e vibrarem comigo a cada conquista. A Lívia Malta por ser minha inspiração de calma e paciência e por todo seu incentivo.

Aos meus familiares que são sem dúvida meus maiores incentivadores, os meus primos Jonathan Soares, Hozana Moreira, Conceição Moreira, por toda energia e vibração positivas.

Aos meus gatinhos Juca e Maria Bela por toda gatoterapia ao longo do processo de realização desse trabalho. Vocês foram fundamentais para alívio do estresse.

Ao meu cachorro, Romeo “in memoriam” que durante sua passagem me fez enxergar o sol em meio as tempestades, sua lembrança sempre me dará força pra seguir em frente. Obrigada pela oportunidade de aprender tanto com você, por me motivar a ser a profissional que eu sempre quis ser.

E do fundo do meu coração, agradeço ao meu pai, Carlos Alberto, a minha mãe Vera Lucia, minhas irmãs Karol Costa e Karla Weruska por todas as orações, ligações, viagens até Areia, e principalmente por terem acreditado em mim, por terem sonhado junto comigo, vocês mantiveram meu sonho vivo todo esse tempo. Meu muito obrigada.

“Jamais creia que os animais sofrem menos do que os humanos. A dor é a mesma para eles e para nós. Talvez pior, pois eles não podem ajudar a si mesmos.”

Dr. Louis J. Camuti

RESUMO

A utilização de medicamentos sem prescrição do profissional capacitado, ou seja, o médico veterinário, em animais de companhia é intitulado como automedicação animal e pode ser praticado por tutores de animais ou por pessoas não qualificadas. A aquisição de medicamentos de uso veterinário, seja em lojas agropecuárias/farmácias veterinárias e humanas ou através de familiares e vizinhos, é uma prática frequente e os agravos na saúde do animal são potencialmente presenciados na rotina clínica veterinária. Diante desses fatos, como problemática proposta, esta pesquisa visou identificar quais são os principais grupos de medicamentos administrados por tutores da região do brejo paraibano em animais de companhia, uma vez que dados dessa região não são encontrados na literatura. Foram coletados e analisados os dados de 89 questionários aplicados e respondidos através da plataforma Google Forms® no período de 2 de outubro a 9 de novembro. Destes, 73 se encaixaram nos critérios exigidos pela pesquisa. Os resultados demonstraram que todos os participantes afirmaram possuir animais de estimação. Uma parcela considerável (32,9%) dos tutores possui um único animal, contabilizando maior incidência de cães (78,1%). 49,3% dos tutores já medicaram seus animais por conta própria. Em relação à classe de medicamentos que foram mais utilizados, observou-se o uso de vermífugos (84,9%), seguido de polivitamínicos (61,6%), e analgésicos (53,4%). É necessário elucidar de forma mais abrangente essa temática proposta para gerar a percepção nos tutores dos possíveis danos à saúde do animal no âmbito da automedicação indiscriminada em situações que envolvem medicação incorreta e que comprometem a saúde e bem-estar animal, um vez que, medicamentos, a exemplo de vermífugos, quando empregados de forma desnecessária, poderão contribuir no desenvolvimento de resistência ou até mesmo selecionar classes de parasitas a longo prazo.

Palavras-Chave: Automedicação animal. Medicamentos. Vermífugo.

ABSTRACT

The use of medications without prescription from the trained professional, that is, the veterinarian, in pets is determined as animal self-medication, and it can be practiced by animal tutors or by unqualified people. The purchase of veterinary drugs either in agricultural stores/veterinary and human pharmacies, or through family members and neighbors is a frequent practice, however health problems in the animal are potentially witnessed in the veterinary clinical routine when administering medicines in an inconsequential way. Given this fact, as a problematic proposal, this research aimed to identify which are the main groups of drugs administered by tutors from the region from brejo paraibano-Brazil in companion animals, since data from this region is not found in the literature. These datas were collected and analyzed from 89 questionnaires applied and answered through the Google Forms® platform from October 2 to November 9. Of these, 73 met the criteria required by the survey. The results demonstrate that all the participants stated that they have pets, a considerable portion (32.9%) of the tutors have a single animal, accounting for a greater incidence of dogs (78.1%). 49.3% of guardians have already medicated their animals on their own. Concerning to the class of drugs that were most used, the use of vermifuge was observed in greater numbers (84.9%), followed by multivitamins (61.6%), and analgesics (53.4%). It is necessary to elucidate in a more comprehensive way this proposed theme to generate the perception in tutors of possible damages to the animal's health in the scope of indiscriminate self-medication in situations that involve an incorrect medication and that compromise animal health and welfare, medicines such as vermifuges, when used unnecessarily can contribute to the development of resistance and even select classes of parasites in the long term.

Keywords: Animal self-medication. Medicines. Vermifuges.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Cidades dos tutores dos animais.....	28
Gráfico 2 – Número de animais por tutores.....	29
Gráfico 3 – Espécie de animais pertencentes aos tutores.....	29
Gráfico 4 – Tutores que já medicaram seus animais por conta própria.....	30
Gráfico 5 – Classe de medicamentos mais utilizados.....	34
Gráfico 6 – Principais queixas dos tutores para a prática da automedicação animal.....	36
Mapa 1 – Estado da Paraíba com destaque para as cidades do Brejo Paraibano.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIES	Anti-inflamatórios esteroidais
AINE	Anti-inflamatório não esteroidal
AINES	Anti-inflamatórios não esteroidais
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
ES	Espírito santo
FIOCRUZ	A Fundação Oswaldo Cruz é instituição de pesquisa e desenvolvimento em ciências biológicas
HOVET	Hospital Veterinário da Universidade de Cuiabá
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MG	Minas Gerais
PI	Piauí
SINITOX	Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas
UFF	Faculdade Veterinária da Universidade Federal Fluminense
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE SÍMBOLOS

® - Marca registrada

% - Porcentagem

n - Frequência absoluta

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1 AUTOMEDICAÇÃO	17
2.2 AUTOMEDICAÇÃO ANIMAL NO BRASIL	18
2.3 RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO ANIMAL	19
2.4 PRINCIPAIS CLASSES DE MEDICAMENTOS EMPREGADOS NA AUTOMEDICAÇÃO ANIMAL	20
2.4.1 AINES (Anti-inflamatórios Não-Esteroidais).....	20
2.4.2 AIES (Anti-inflamatórios Esteroidais)	21
2.4.3 Praguicidas / Antiparasitários	21
2.4.4 Antibióticos.....	22
2.4.5 Vitaminas.....	23
3 METODOLOGIA	234
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
5 CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE A – SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	44
APÊNDICE B – MODELO DO FORMULÁRIO	45

1 INTRODUÇÃO

Aumento na expectativa de vida e, conseqüentemente, a melhoria na qualidade, é um desejo eminente não só para a espécie humana. Essa realidade também se aplica na saúde animal uma vez que, técnicas e tratamentos inovadores que têm possibilitado grandes avanços na medicina veterinária.

Conforme Marin *et al.* (2003) os medicamentos abrangem um papel importante nos sistemas sanitários, uma vez que sua utilização, além de salvar vidas, também auxilia na melhoria da saúde.

Segundo Aquino (2008), no Brasil, cerca de 35% dos medicamentos adquiridos são utilizados para automedicação. Nesse sentido, de acordo com Paulo e Zanine (1988), o termo automedicação se caracteriza pela atitude de um doente, ou indivíduo dotado do poder de representá-lo, em adquirir e usar um produto que acredita que o beneficiará na melhoria de alguma doença ou no abrandamento de sintomas, seguindo orientações de pessoas não habilitadas, a exemplo de colegas, familiares, balconistas. Essa prática, por muitas vezes, tem efeitos indesejáveis, adversos, como também pode ocultar doenças que venham a evoluir, representando, portanto, uma prática a ser evitada.

No país, o Sistema Nacional de informações tóxico-farmacológicas (SINITOX/FIOCRUZ) registrou, só em 2017, cerca de 846 mil casos de intoxicações em animais, onde uma parcela considerável ocorreu por agentes tóxicos medicamentosos. Contudo, esses dados podem ser ainda mais altos, uma vez que sua real incidência pode estar sendo subestimada, considerando que eventos de toxicidade em animais não são todos reportados aos serviços oficiais para os bancos de dados.

Na rotina das clínicas veterinárias é bastante comum a constatação do uso indiscriminado de medicamentos por tutores para pequenos animais (MARTINS *et al.*, 2015). Nesse cenário, no Brasil, entre as principais categorias de medicamentos que causam intoxicação nos animais de companhia estão: anti-inflamatórios não-esteroidais (AINEs), analgésicos, antibióticos, tranquilizantes e antiparasitários (ANDRADE; NOGUEIRA, 2011).

A intoxicação muitas vezes é ocasionada por composições e substâncias ativas presentes nos próprios medicamentos que por uso indiscriminado de dose, frequência e duração acabam decretando efeitos indesejáveis. Deve-se ressaltar também que não se pode extrapolar os regimes terapêuticos interespécies, ou seja, fazer uso de medicamentos exclusivos para cães em gatos, pois esse, por sua vez, devido algumas particularidades,

apresenta características orgânicas peculiares, como processos de distribuição e biotransformação, diferente dos cães (LITTLE; RICHARDSON, 2016; RECHE JÚNIOR; PIMENTA, 2012). De forma similar, vale salientar que pode haver diferença nos processos farmacocinéticos e farmacodinâmicos quando utilizam-se medicamentos de uso humano em cães e gatos.

Contudo, acredita-se que as causas de uso indiscriminado de medicamentos estão principalmente aliadas à desinformação da população, que por muitas vezes faz uso dos medicamentos sem auxílio do profissional capacitado, o médico veterinário (MEDEIROS *et al.*, 2009; ZIELKI *et al.*, 2018), tendo ciência ou não, de que essa prática pode favorecer um tardio diagnóstico ou levar a quadros de intoxicação, contabilizando na crescente demanda à assistência médica veterinária em casos graves, que por vezes, pode levar o animal a óbito.

Por fim, como problemática proposta, esta pesquisa visa identificar quais são os principais grupos de medicamentos administrados por tutores da região do brejo paraibano em animais de companhia, bem como conhecer o perfil e entender os principais pontos que os motivam a realizar essa prática além de averiguar se os mesmos conhecem os riscos, os efeitos indesejáveis, reações adversas dos referentes medicamentos que estão sendo empregados e contribuir para a redução dos casos de intoxicações.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação é uma conduta que caracteriza-se pela ação de um doente ou responsável de fazer uso de um determinado produto a sua escolha e idealizar que ele trará alívio nos sintomas e conseqüentemente benefícios em seu tratamento (MELLO *et al.*, 2008). Segundo Schenkel (1996), na maior parte dos casos, o consumidor comum não consegue avaliar a gravidade e os ricos terapêuticos que poderá enfrentar quando, por conta própria, decide realizar a prática da automedicação.

No Brasil, a enorme variedade de medicamentos presente no país favorece para que ocorra o uso errôneo dessas substâncias pela maioria dos indivíduos (MARGONATO *et al.*, 2008). De forma semelhante, outro fator que motiva a intoxicação por medicação é a cultura da automedicação familiar (SOUZA *et al.*, 2000), muitas vezes levando essa prática para os animais ao perceber que o animal está apresentando sintomas semelhantes ao do humano, o proprietário tende a medicá-lo como ele de costume se medicaria.

O Brasil é o país que está entre os dez principais maiores mercados de público de consumidores de medicamentos do mundo (MENON *et al.*, 2005). Dados da Fiocruz mostram que dos casos registrados de intoxicação em humanos e em animais ocorridas no país, em 2017, estão em primeiro lugar os medicamentos, seguido dos produtos de limpeza, também conhecidos como domissanitários, produtos defensivos agrícola e doméstico, produtos industriais e químicos. (SISTEMA NACIONAL, 2017). A utilização indevida de medicamentos reforça a problemática de saúde como um todo, afetando bem-estar físico, mental e social. Em escala global, mais da metade dos medicamentos são prescritos, concedido ou comercializado inadequadamente e metade dos consumidores não conclui o tratamento recomendado (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2006).

Segundo Lima *et al.*, (2010) a presença da automedicação e da medicalização está relacionada a estocagem de medicamentos nas respectivas residências. De forma semelhante, é também preocupante o baixo nível de informação das pessoas, que não sabem que pode ser potencialmente perigoso o acondicionamento de medicamentos quando feita de forma indevida, a exemplo de armazenamento em locais inadequados que pode culminar em risco de intoxicações. Quando mal acondicionado, podem ocorrer alterações físico-químicas nas

substâncias químicas da formulação, fazendo com o produto tenha sua ação farmacológica diminuída ou ser capaz de gerar metabólitos tóxicos (MENON *et al.*, 2005).

2.2 AUTOMEDICAÇÃO ANIMAL NO BRASIL

Na medicina veterinária, o uso de produtos farmacológicos sem aconselhamento ou prescrição do profissional capacitado é uma problemática desafiadora encontrada nesse segmento (SILVA *et al.*, 1999).

O ato de automedicação se estende também à realidade dos animais de companhia, tornando-se um fator bastante alarmante. É perceptível, na maior parte dos casos, o uso de mais de um princípio ativo na administração de medicamentos em animais, (SILVA *et al.*, 2008). Nos consultórios e hospitais veterinários é frequente o relato de animais padecendo não apenas por doenças, do mesmo modo, são vítimas de “tratamentos” médicos realizados por pessoas não habilitadas, colocando a saúde e a vida do animal em risco (LEITE *et al.*, 2006).

A intoxicação por drogas em animais pode ocorrer devido à falta de cuidado ao guardar esses medicamentos, facilitando com que os animais, por curiosidade, o encontrem e o ingiram, ou até mesmo devido ao manejo inadequado por seus tutores no ato da administração. Constata-se que medicamentos comumente utilizados em adultos e de uso indicado para crianças também podem causar danos irreversíveis à saúde dos animais uma vez que existem diferenças metabólicas entre humanos e animais. O uso desnecessário ou incorreto de medicamentos pode ocasionar graves efeitos colaterais, levando a quadros de intoxicações e podendo desencadear reações alérgicas. Em sua maioria, esses efeitos adversos não são identificados pelo tutor que administrou a medicação (LAPORTE *et al.*, 1989).

De acordo com Santos, Maruso e Dominato (2013), as crianças e os animais domésticos estão entre os mais sujeitos a casos de intoxicação exógena. Muito embora os animais de estimação estejam em um número bastante significativo, existem poucos dados sobre esses eventos uma vez que não é de obrigatoriedade sua notificação.

Na sociedade atual, os animais de estimação costumam ser, por muitas vezes, companheiros reais e afetivos da sociedade moderna, tornando esses animais um real membro da família. Desta forma, quadros de intoxicação ou até a morte desses animais torna-se uma perda imensurável para seus tutores. Percebe-se que a utilização de medicamentos de indicação humana pode acarretar riscos na saúde animal, uma vez que, por ventura, o tutor administre uma superdosagem. Diante de uma intoxicação medicamentosa, deve-se ficar

atento a aparições de sinais como; sialorreia, vômitos, sono excessivo, diarreia, andar com propriocepção diminuída, crises convulsivas e movimentos involuntários como tremores (RODRIGUES, 2011).

Portanto, é de extrema necessidade medidas corretivas e educativas para minimizar a situação atual quanto ao uso indevido de medicamentos, visando minimizar os quadros vigentes.

2.3 RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO ANIMAL

Os medicamentos são substâncias utilizadas tanto para humanos como para animais com finalidade terapêutica para as mais diferentes causas patológicas. Percebe-se que existe uma facilidade de acesso da população a inúmera variedade de medicamentos, confabulando assim para a existência do hábito da automedicação.

Em seu trabalho, Pinto (2012) constatou que a grande maioria dos casos de automedicação ocorre devido a analogia feita pelo tutor com a medicina humana. Acredita-se que fomos instruídos pelos profissionais da saúde, como médicos a utilizar sempre que convir medicamentos estabelecidos como anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), antidiarreicos, produtos para estimular o bom funcionamento do intestino e estômago, dentre outros, uma vez que saibam identificar os seus limites. Também em seus dados, Pinto (2012) constatou que os tutores não são devidamente informados sobre os efeitos indesejáveis da automedicação, gerando, a partir daí, o uso excessivo de antibióticos, anti-inflamatórios, e demais classes. Ressalta-se também que as condições financeiras estão entre as causas que fazem os tutores procurarem as farmácias antes de pagar pela consulta do médico veterinário.

Estudo realizado pela Faculdade Veterinária da Universidade Federal Fluminense (UFF), que ocorreu em de março de 2002 a 2008 do mesmo mês, por Medeiros e colaboradores (2009) constatarem 100 casos de intoxicações exógena em animais (86,1% em cães e 13,9% em gatos). Dados ainda revelam que a intoxicação mais encontrada foi por medicamentos de uso veterinário e humano (21,8%) seguido de produtos agrotóxicos (13,9%). Ainda de acordo com Medeiros *et al.*, (2009) agregam esses valores ao uso indiscriminado dos medicamentos, não levando em consideração fatores fisiológicos e individuais de cada animal. Dados da pesquisa realizada pela Universidade Federal da Paraíba, que ocorreu entre o mês de agosto a setembro de 2019 relevam que, de acordo com Nascimento (2019), 100% dos entrevistados afirmam que não acham correto medicar seus

animais por conta própria sem aconselho do médico veterinário. A pesquisa também aponta que maior parte dos entrevistados conheciam os riscos da automedicação e suas consequências, mas um número considerável ainda realiza essa prática.

2.4 PRINCIPAIS CLASSES DE MEDICAMENTOS EMPREGADOS NA AUTOMEDICAÇÃO ANIMAL

2.4.1 AINES (Anti-inflamatórios Não-Esteroidais)

Na medicina veterinária os AINES mais utilizados são os provenientes do ácido carboxílico, a exemplo do ácido acetilsalicílico, diclofenaco, ibuprofeno, cetoprofeno e flunixinina meglumina, carprofeno; os compostos oriundos do ácido enólico como o; meloxicam, nimesulida, fenilbutazona e piroxicam e os coxibes como firocoxibe; dipirona, paracetamol que possuem uma baixa ação anti-inflamatória (TASAKA, 2011). Nesse grupo de medicamentos, destacam-se os efeitos anti-inflamatórios (modificando a reação inflamatória), efeitos analgésicos (reduzindo alguns campos de dor) e efeito antipirético (impedindo o aumento da temperatura corpórea). Em suma, a ação desses efeitos correspondem a uma ação primária dos fármacos que agem na inibição da ciclooxigenase araquidônica e, dessa forma, trabalha inibindo a produção de prostaglandinas e tromboxanos, todavia, deve-se considerar que existem aspectos de caráter individuais que podem culminar em mecanismos diversos (RANG *et al.*, 1997).

Nessa classe de medicamentos, os gatos possuem como característica da sua espécie, um nível concentração de glicuroniltransferase de forma reduzida, essa enzima que realiza a conjugação do ácido glicurônico é necessária para metabolização do ácido acetilsalicílico e compostos similares.

As intoxicações em gatos podem ocorrer ao ingerirem doses indicadas para terapia humana ou para espécie canina. Os sinais apresentados por esta espécie são; hemorragia gástrica, vômitos, anemia, anorexia, hepatite, intensificação dos movimentos respiratórios e febre.

Os sinais clínicos do uso prolongado dos AINES vão depender de qual AINE foi administrado, bem como seu tempo e dose, podendo apresentar sinais gastrointestinais como diarreia, úlceras e perfurações gástricas, desconforto abdominal, melena, anorexia,

êmese dentre outros. Sinais renais como insuficiência renal aguda e necrose papilar, redução da microcirculação renal e da taxa de filtração glomerular, hipercalemia, azotemia, acúmulo por fluido, sinais hepáticos como um aumento das enzimas do fígado e icterícia, problemas de coagulação sanguínea, convulsão, alteração de comportamento, podendo apresentar modificações hematopoiéticas e reações alérgicas (TALCOTT, 2006).

2.4.2 AIES (Anti-inflamatórios Esteroidais)

De acordo com Andrade (2002), os AIES influenciam as atividades celulares, nível vascular e também atua no metabolismo de mediadores inflamatórios, influenciando na diminuição de migração dos neutrófilos para o local do agravo, concomitantemente estimula sua saída pela medula óssea. A não penetração no local da lesão deve-se as mudanças de composição da superfície celular com preservação da integridade microvascular pela supressão das ações dos neutrófilos e também pela inibição da produção de mediadores inflamatórios e de agentes vasoativos ou trombogênicos, evitando que ocorra a saída dos fluidos.

Esses fármacos são apropriados em históricos de casos com deficiência na produção hormonal pelas adrenais, enfermidades pulmonares e brônquicas, problemas nas articulações, choques e doenças autoimunes. Os glicocorticoides de maior usabilidade na farmacologia são principalmente a hidrocortisona, prednisona, dexametasona, cortisona, metilprednisolona, prednisolona, triancinolona e betametasona (JERICÓ; MARCO, 2011).

O uso prolongado desta classe de medicamentos podem acarretar em efeitos graves como hiperadrenocorticismismo, desgaste e também fadiga muscular, hiperglicemia, diminuição da atividade frente às lesões ou infecções, pode haver efeitos no sistema nervoso central, além de polifagia e obesidade animal. (RANG *et al.*, 2012).

2.4.3 Praguicidas /Antiparasitários

O uso errôneo de parasiticidas veterinários constitui um registro frequente de intoxicação em cães e gatos (CALONI *et al.*, 2012).

As avermectinas fazem parte dos agentes antiparasitários bastante utilizados na medicina veterinária. Intoxicação por estes agentes acontece na rotina clínica muito comumente. Fatores como obtenção sem prescrição médica, baixo custo e administração

indiscriminada desses produtos pelo próprio tutor do animal corroboram para quadros de intoxicação, uma vez que não existe antídoto, apenas tratamento de suporte. (RODRIGUES, 2017).

Também são altos os índices de seleção e resistência de parasitoses, devido à exposição ao produto de forma desnecessária (GEARY, 2013). Há relatos de resistência anti-helmíntica em nematoides de pequenos ruminantes para três grupos de drogas: imidazotiazóis, benzimidazóis e lactonas macrocíclicas (FORTES, 2013).

No mercado, há uma grande variedade de anti-helmínticos, diferente em sua composição, dose e frequência bem como sua aplicação. Dentre eles podemos citar as milbemicinas e avermectinas; ivermectina, selamectina, os organofosforados; triclorfom, diclorvos, os substitutos fenólicos e salicilanilidas; disofenol, nitroscanato, imidazotiazóis; levamisole, tetra-hidropirimidinas; pirantel, benzimidazóis; mebendazol, tiabendazol, albendazol, dentre outros produtos destinados a essa finalidade (ALMEIDA; AYRES, 2011).

Devido aos mais diferentes mecanismos de ação que esses produtos apresentam, deve-se ter cuidado com as dosagens e contraindicações que cada um contém afim de evitar reações adversas (DOLCE, 2014).

2.4.4 Antibióticos

Segundo Who (2005), a resistência das bactérias aos antibióticos é um efeito natural causado pela seletividade exercida devido ao uso indiscriminado de antibióticos. No entanto, esse processo obteve uma acelerada expansão devido à utilização inadequada desses medicamentos.

Desde que iniciou-se a introdução e uso de antibióticos, os registros de resistência microbiana tem aumentado constantemente e aumentou significativamente nos últimos 15 anos (HAWKEY, 2018). Destaca-se alguns principais fatores de resistência bacteriana aos antibióticos, pode-se citar quatro: i) A alteração ou dano enzimática do antibiótico (a ação que ocorre nos agentes β -lactâmicos ocasionado de forma enzimática pelos β -lactamases); ii) A prudência do acúmulo dentro da célula por essa classe de medicamento através da redução da seletividade do mesmo (como exemplo, a bactéria *Pseudomonas aeruginosa* (*P. aeruginosa*) ser resistente ao imipenem) ou da existência de bombas de efluxo dos antibióticos das células bacterianas (o que ocorre com a classe da família das enterobacteriáceas ser resistentes às tetraciclina); iii) Ocorre modificações nos alvo-moleculares dos antibióticos (resistência entre as bactérias do género *Enterococcus* às cefalosporinas); iv) ocorre à formação de

moléculas alvo alternativas, estas não sofrerão inibição por essa classe de medicamento, uma vez que irá continuar a sintetizar mais moléculas alvo originais, conseguindo assim, contornar a inibição que seria estimulado na antibioticoterapia (a bactéria *Staphylococcus aureus* (*S. aureus*) ser resistente à metilina pertencente ao grupo das penicilinas). (HAWKEY, 1998; FORBES; SAHM, 2017)

2.4.5 Vitaminas

As vitaminas são essenciais para a saúde de qualquer ser vivo, essas substâncias orgânicas contribuem auxiliando no crescimento, concepção, conservação e manutenção nas espécies animais, principalmente nas espécies que sofrem por hipovitaminose ou que não detêm o potencial para sintetizá-las por completo ou em quantidades necessárias para seu organismo e suas funções vitais. (SPINOSA *et al.*, 2011).

Empregados a fatores nutricionais importantes, na medicina veterinária seu uso em excesso pode causar efeitos adversos. A quantidade indicada de vitaminas deve ser administrada apenas a nível necessário e seguro pra suprir déficits nutricionais sem que haja danos à saúde do animal, todavia, vale enfatizar que as vitaminas têm potencial para sofrer interferência de vários outros compostos originários da dieta do animal como também pode ocorrer reações de interação medicamentosas (SPINOSA *et al.*, 2011).

Conforme Schell e Gwaltney-Brant (2011), o consumo de vitamina D passa a ser preocupante quando ultrapassa 4.000 UI/kg, pois pode ocasionar o aumento do cálcio e do fósforo séricos e favorecer para que esses compostos, por sua vez, se depositem nas paredes vasculares, levando a rigidez vascular e possivelmente levar o animal à morte súbita, uma vez que a vitamina D é precursora de um hormônio regulador do metabolismo do Cálcio.

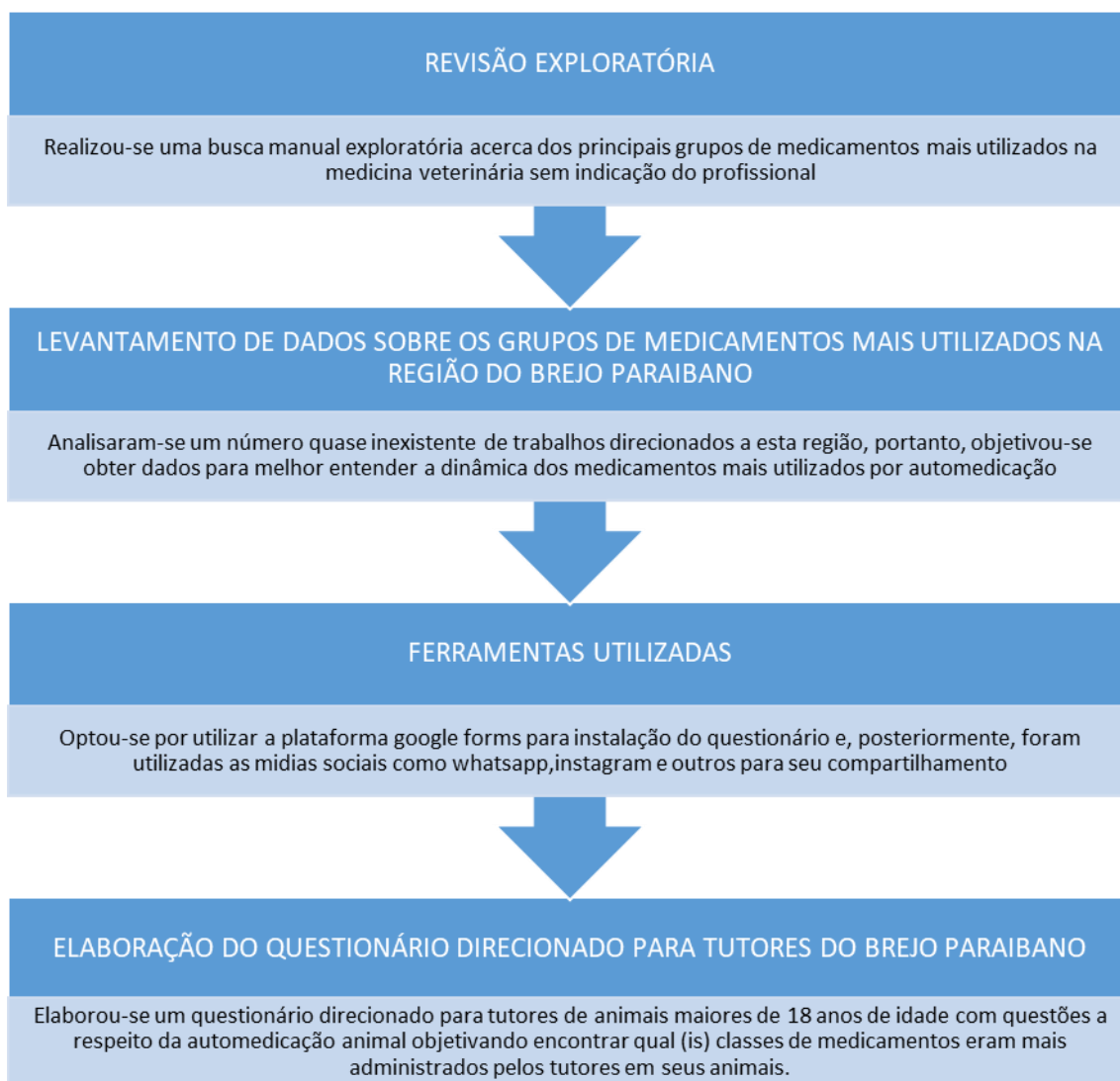
De acordo com González *et al.*, (2019), a vitamina K é indispensável para o processo de coagulação sanguínea, mas em casos de excesso pode causar problemas na coagulação, tornando maior as chances de formação de coágulos e trombos. Sua utilização não é orientada em quadros de animais que estão fazendo uso de anticoagulantes.

As vitaminas C e E são antioxidantes e podem diminuir o efeito de alguns tipos de quimioterapia, a depender dos tipos de quimioterapia utilizada.

A vitamina A confere o pigmento fotossensível para a formação dos olhos dos vertebrados além de ser regulador durante a fase de crescimento das células epiteliais. É uma vitamina tóxica se utilizada em doses altas, podendo causar danos em órgãos como fígado, alterações ósseas em animais em fase de crescimento e lesões de pele.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho de pesquisa de caráter observacional realizado através de questionários online pela plataforma *Google Forms*®



Fonte: Elaboração da autora.

Inicialmente foram realizadas pesquisas exploratórias de forma online em artigos científicos a respeito da temática de utilização de medicamentos sem a orientação do profissional, com intuito de identificar os principais grupos de medicamentos utilizados pelos tutores de animais do Brejo Paraibano.

Os participantes tiveram acesso a leitura de um termo de consentimento para quaisquer necessidade de esclarecimento acerca dessa pesquisa e ao final da leitura puderam optar por concordar ou não em fornecer suas respostas a essa pesquisa. Ressalta-se que todas as

perguntas eram direcionadas para fins acadêmicos, portanto, as informações depositadas na plataforma eram sigilosas e anônimas, não existindo risco ou desconforto ao voluntário ao participar da pesquisa.

Os dados foram coletados através de um questionário online através da plataforma *Google Forms*®.

A divulgação da pesquisa foi feita através de mídias digitais, tais como: *Instagram*, *Whatsapp*, *Facebook* onde os voluntários que participaram tiveram acesso através de um *link* que era direcionado de forma imediata ao questionário apresentado na plataforma *Google Forms*®.

Elaborou-se um estudo contendo questões generalistas sobre o perfil do participante, a exemplo de idade, sexo, cidade, nível de escolaridade, além de questões quantitativas relacionadas a espécie e número de animais que estes tutores possuem, e qualitativas a respeito da automedicação animal.

Foram elaboradas perguntas discursivas e objetivas e em todo o questionário foi utilizada uma linguagem acessível e clara para que não houvesse empecilhos para participação. As questões foram elaboradas com intuito de auxiliar a obter respostas com um alto nível de sinceridade por parte dos participantes, de modo que fosse possível retirar conclusões que chegassem a ser o mais plausível da realidade

O questionário foi subdividido em seções onde ao passo que fosse respondido o voluntário seria direcionado para seção seguinte que ia de 1(um) a 5 (cinco). A seção 1 tratava do termo de consentimento para as pessoas que tinham interesse em prosseguir com a participação; a seção 2 estava relacionada a conhecer melhor o perfil do participante; na seção 3 trazia questões relacionadas à automedicação animal realizada pelo tutor; a seção 4 tratava de avaliar se os tutores tinham o hábito de armazenar medicamentos em suas residências, e por último, na seção 5 foram levantadas questões a respeito da intoxicação animal, caso o tutor tivesse passado por essa experiência.

Todas as respostas obtidas *online* foram introduzidas automaticamente no arquivo de dados criado pelo *Google Docs* organizada e estruturada para possibilitar a consulta e, posteriormente, foram coletadas e tabulados na plataforma *Excel 2013*. A pesquisa esteve ativa na plataforma online durante o período de 2 de outubro a 9 novembro de 2020.

A pesquisa foi realizada na microrregião região do Brejo Paraibano onde estão inseridas as cidades de Alagoa Grande, Areia, Bananeiras, Alagoa Nova, Pilões, Serraria, Borborema e Matinhas. Adotou-se uma política de assegurar que qualquer resposta que não estivesse dentro da região de interesse da pesquisa, ou não fosse tutor de animal,

automaticamente seria removido dos resultados. Optou-se por direcionar a pesquisa para tutores de animais que fossem maiores de idade, ou seja, obrigatoriamente pessoas com idade a partir de 18 anos.

As questões relacionadas à medicação animal sem a orientação do médico veterinário produziram as respostas de maior pertinência para o objetivo desta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados foram analisados totalizando 89 questionários respondidos através da plataforma *google forms*® no período de 2 de outubro a 9 de novembro. Destes, 73 que se encaixaram nos critérios exigidos pela pesquisa e 16 foram excluídos por não atenderem os critérios.

Foi realizada a análise dos dados por seção. A primeira correspondia ao perfil dos participantes (Tabela 1).

Tabela 1 - Perfil do tutor

<i>Variáveis</i>	<i>Categoria</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
<i>Sexo</i>	Feminino	50	68,5
	Masculino	23	31,5
<i>Faixa etária</i>	18 a 25 anos	22	30,1
	26 a 35 anos	37	50,7
	36 a 45 anos	6	8,2
	Acima dos 46 anos	8	11
<i>Nível de escolaridade</i>	Ensino fundamental incompleto	0	0
	Ensino fundamental completo	0	0
	Ensino médio incompleto	2	2,7
	Ensino médio completo	12	16,4
	Ensino Superior incompleto	36	49,3
	Ensino Superior completo	15	20,5
	Pós-graduação incompleto	3	4,1
	Pós-graduação completo	5	6,8

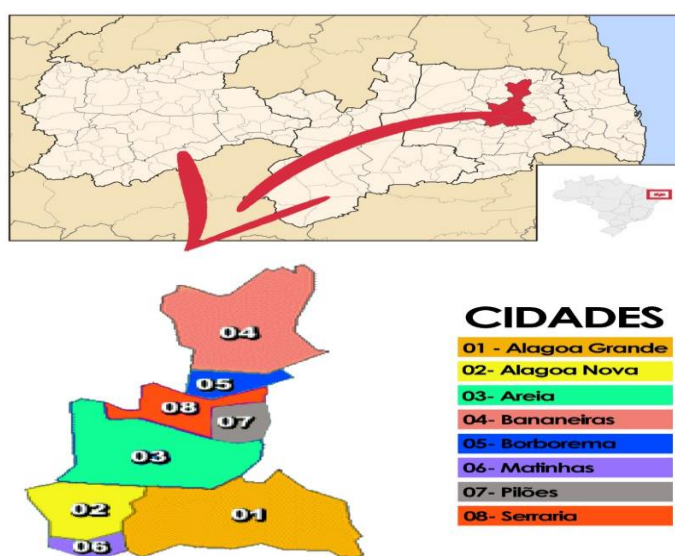
Fonte: Construída com os dados da pesquisa.

Observou-se que a maioria dos participantes voluntários 50 (68,5%) eram do sexo feminino. Analisando a faixa etária, 50,7% dos tutores tinham entre 26 a 35 anos. Em relação ao nível de escolaridade, 49,3% tinham nível superior incompleto.

De acordo com as cidades do brejo paraibano cujos tutores participaram da pesquisa (Mapa 1), a cidade de Areia obteve maior participação com 40 (55%) das respostas, seguido

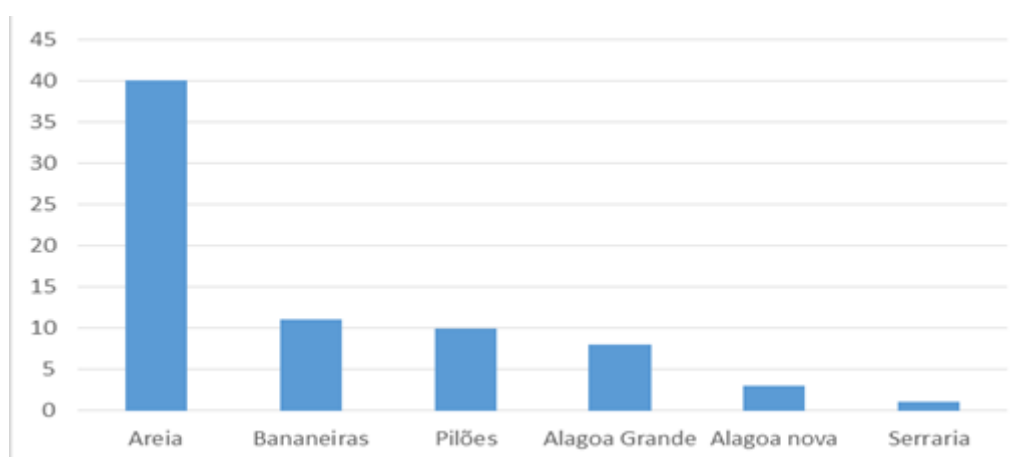
pela cidade de Bananeiras com 11 (15%), Pilões com 10 (14%), Alagoa grande com 8 (11%), Alagoa nova com 3 (4%) e Serraria com 1 (1%), conforme observamos no Gráfico 1.

Mapa 1 - Estado da Paraíba com destaque para as cidades do Brejo Paraibano.



Fonte:

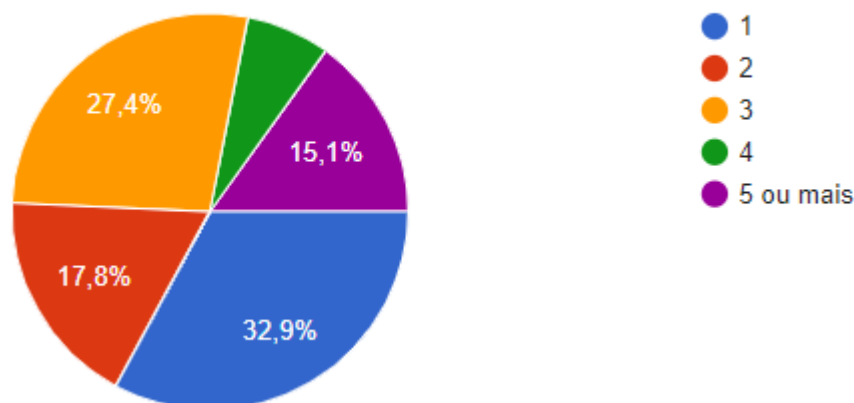
Gráfico 1 - Cidades dos tutores dos animais.



Fonte: construído com os dados da pesquisa

Todos os participantes afirmaram possuir animais de estimação. Em relação a quantidade de animais de animais por tutor (Gráfico 2), uma parcela considerável (32,9%) dos tutores possui um único animal.

Gráfico 2 - Número de animais por tutores

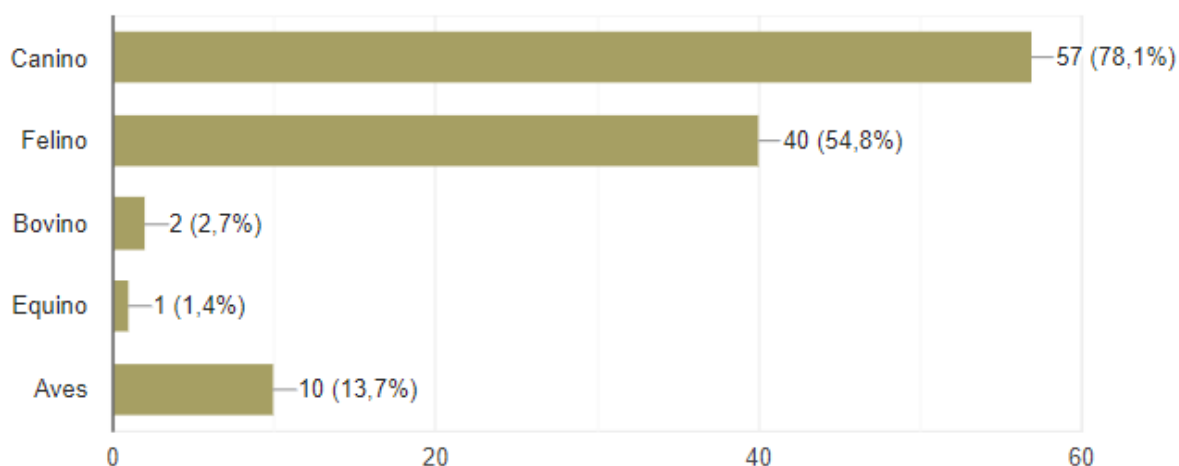


Fonte: Google Forms®.

É perceptível a presença de animais em residências em todo o mundo e esse número tende a aumentar. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2013), foram contabilizados 132,4 milhões de animais domésticos de estimação. Esses dados foram atualizados pela inteligência comercial do Instituto Pet Brasil, no ano de 2018, estimando-se que no país já contabiliza 139,3 milhões de animais de estimação. Um crescente número desde a última avaliação.

Quando questionados sobre qual espécie de animal os tutores possuíam (Gráfico 3). Em primeiro lugar estavam os cães 57 (78,1%), em segundo lugar os felinos 40 (54,8%), e logo em seguida as aves 10 (13,7%), 2 (2,7%) bovino e 1 (1,4%) equino.

Gráfico 3 - Espécie de animais pertencentes aos tutores.

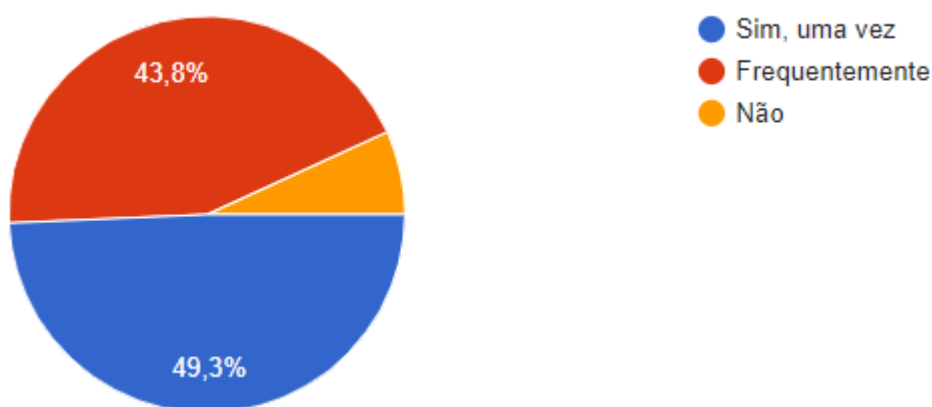


Fonte: Google Forms®

Foi questionado se os tutores conhecem o significado do termo ‘automedicação animal’. Observou-se que 49 (67,1%) dos tutores de animais afirmaram que sabem o que esse termo significa, entretanto, 19 (26%) responderam que já ouviram falar mas não sabem ao certo o que significa e 5 (6,8%) não conhecem o termo e nunca ouviram falar.

Ao serem questionados se já medicaram seus animais por conta própria, 36 (49,3%) responderam que sim, uma vez. Entretanto, responderam que medicam frequentemente seus animais 32 (43,8%) dos participantes, um número considerável, e apenas 5 (6,8%) responderam que nunca medicaram seus animais por livre arbítrio antes (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Tutores que já medicaram seus animais por conta própria



Fonte: Google Forms®

Esse resultado também se repetiu na pesquisa realizada por Quessada e colaboradores (2010), que objetivou diagnosticar a ocorrência de medicação animal sem a indicação ou orientação do médico veterinário na zona norte de Teresina-PI, constatando-se que 86,44% dos animais receberam algum tipo de medicação sem antes ter passado por um profissional.

Aos tutores que afirmaram já terem medicado seus animais por conta própria, foi sugerido em questão aberta que relatasse quais ou qual medicamento tinha sido administrado. Em relação a essas respostas abertas, o maior número de medicamentos relatados foi da classe dos antiparasitários (nexgard, ivermectina), seguido de AINES (dipirona, meloxicam, ibuprofeno, diclofenaco), analgésicos, antibióticos (doxitec, amoxilina, terramicina, ampicilina), uso suplementos vitamínicos (apevitin bc, hepatox), antifúngicos, antitóxicos, antieméticos (dramin), anticoncepcional e antissépticos (idopovidona), alantol.

Dados diferentes foram obtidos na pesquisa de Nascimento (2019) onde os AINES foram a classe mais citada (41%). Conforme dados de pesquisa realizada por Dolce (2014) resultados diferentes também foram encontrados, sendo o grupo de medicamentos mais utilizados por automedicação foram os antimicrobianos com 96 casos relatados, seguido dos AINES com 58 casos relatados.

Considerando a possibilidade de algumas pessoas não conseguirem lembrar do nome do medicamento usado, posteriormente a mesma pergunta foi feita mas de forma objetiva apontando apenas as classes dos medicamentos mais utilizados para marcar, dando mais de uma opção para ser selecionado.

Quando questionado se os tutores conheciam os riscos de medicar seus animais sem prescrição veterinária, 38 (52,1%) responderam que sim, que conhecem os riscos, em contrapartida, um número significativo de tutores 30 (41,1%), responderam que conhecem os riscos mas mesmo assim medicam seu animal, e em menor número 5 (6,8%), não conhecem os riscos.

É sabido que as reações adversas a um medicamento podem ser classificadas de acordo com sua severidade em leve, moderada, grave ou letal. Quando o quadro do animal conota como reações leves então não se faz necessário administrar um antagonista, conseqüentemente não necessita de terapia e hospitalização, já nas reações moderadas é necessário que haja a mudança da droga utilizada na terapia, tratamento específico que está sendo feito ou é preciso considerar obter um aumento no tempo de internação. Nas reações graves deve-se considerar um alto potencial de risco de vida, cursando em danos permanentes, necessitando de um acompanhamento médico intensivo. As reações letais culminam seja de forma direta ou indiretamente para o óbito do paciente (FERRACINI; BORGES FILHO, 2010).

Ao serem questionados se já medicaram seu animal sem antes levar ao veterinário 48 (65,8%) dos tutores afirmaram já ter realizado essa prática, já os que responderam que as vezes medicaram seu animal antes de levar ao veterinário correspondem a 14 (19,2%), e 11 (15,1%) responderam que não administraram medicamento antes de levar ao veterinário. A administração de medicamento, se realizada de forma indevida, pode, além de agravar o quadro do paciente, levar a mascarar possíveis sinais patológicos contribuindo para um diagnóstico inconclusivo ou até mesmo tardio.

Quanto ao hábito de ler a bula dos medicamentos antes de administrar no animal, ao serem questionados responderam que sim 40 (54,8%) tutores, 29 (39,7%) disseram que não possuem o hábito de ler a bula e 4 (5,5%) responderam que as vezes leem a bula do

medicamento. A bula de um medicamento é um documento indispensável pois contém informações essenciais sobre o produto e sua aplicabilidade. A ANVISA é o órgão que regula, analisa e aprova medicamentos e bulas, confere se a mesma se enquadra configurada de forma que os pacientes, geralmente pessoas leigas, possam entender seu conteúdo técnico-científico. (FUJITA *et al.*, 2014).

Quanto à questão de os tutores já terem pesquisado em sites de busca informações sobre medicamentos para medicar seu animal, 48 (65,8%) dos tutores responderam que sim, algumas vezes já realizaram buscas sobre medicamentos para seus animais; 17 (23,3%) não pesquisam sobre medicamentos; e responderam que sim, uma única vez, 8 (11%) dos participantes. Ressalta-se que existem diversos sites com conteúdo voltado para animais, mas que não tem embasamento científico, ou seja, sites que não possuem conteúdo confiável. Desta forma, enfatiza-se que a busca por medicamentos pode ocasionar o direcionamento ao acesso a esses sites não oficiais e acabar trazendo resultados indesejáveis.

Tratando-se de identificar qual razão ou motivo leva o tutor a tomar a iniciativa de automedicar seus animais, 50,7% relatam que não tem condições financeiras para levar o animal ao médico veterinário para consulta. Em menor percentagem, mas tão significativo quanto, 23,3% responderam que realizam a pesquisa na internet e administram no animal. Alarmantemente 21,9% relataram não ter médico veterinário na cidade em que residem. Alguns tutores relataram que sempre medicaram por conta própria seu animais 20,5% e uma parcela menor afirmou que não acha necessário leva-los ao veterinário 15,1%.

Sobre o hábito de guardar medicamentos em casa, 63% afirmaram que o fazem tanto para uso humano quanto animal, 23,3% apenas para uso humano, 11% para uso animal e 11% não costuma guardar. Dados coletados por Silva e colaboradores (2012) chegaram a um número preocupante após pesquisa realizada em uma cidade de Goiás, onde 98% dos participantes entrevistados relataram que armazenam medicamentos em suas residências. Segundo estudos de Bueno e colaboradores (2009), Eickhoff e colaboradores (2009) e Ribeiro e Heineck (2010), acredita-se que a razão para o acúmulo de medicamentos em residências pode ter ligação com a quantidade de medicamento presente em uma caixa ou cartela, frasco, muitas vezes superior à quantidade precisa para iniciar e concluir um tratamento, juntamente com a facilidade em adquiri-los em farmácias e drogarias. Cabe ressaltar também a falta de orientação em relação descarte dos mesmos.

De acordo com Fernandes (2000), cerca de 55% dos medicamentos estocados em casa foram adquiridos sem prescrição médica, 25% estavam vencidos e destes, 24% continuavam sendo utilizados.

Em relação ao modo ou a maneira através do qual ou da qual os tutores adquirem os medicamentos, 61 (83,6%) afirmaram que compram em farmácia veterinária ou humana, 22 (30,1%) relataram obter com vizinho ou familiar e, 1 (1,4%) afirmaram que obtém medicamentos com receitas. Diferentemente, Junior (2018), em sua pesquisa a respeito da avaliação do conhecimento sobre medicamentos por proprietários de cães e gatos em Aracaju-SE, obteve como resultado 69,44% adquirem medicamentos com prescrição e 30,56% sem a prescrição médica.

Os dados fornecidos pelos entrevistados mostram que um número significativo obtém medicamento com vizinho ou família. De forma semelhante, World Council of Churches (WCC, 2006) relata que, um exemplo clássico de uso irracional de medicamentos é quando ele é receitado para tratar um determinado paciente e o mesmo é utilizado em outro indivíduo da mesma família.

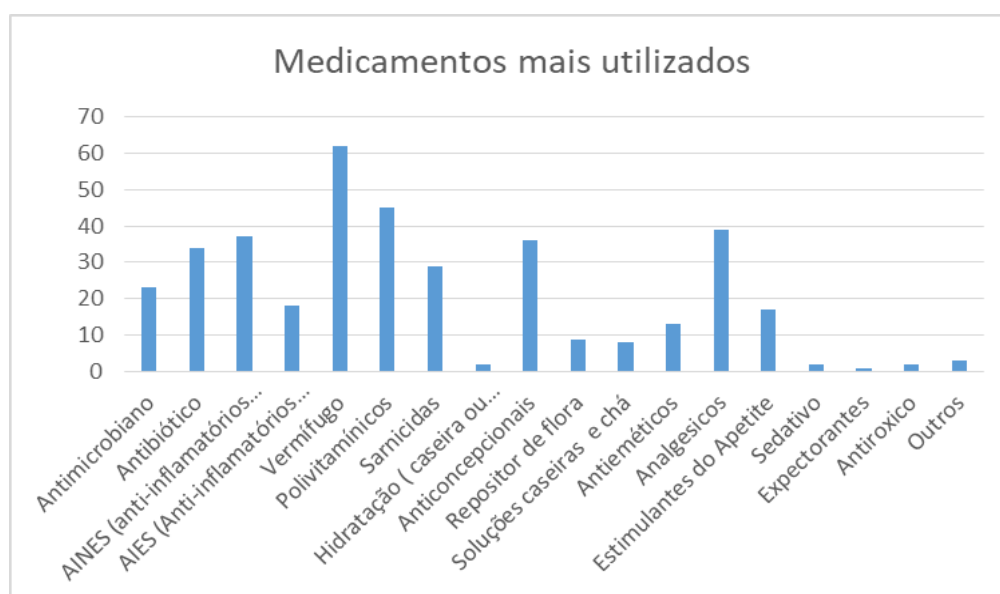
Frente a questão “Você compartilha medicamentos que foi indicado para o seu animal para seus amigos e familiares usarem em seus pets?” 38,4% dos tutores responderam que não compartilham medicamentos para amigos e familiares usarem em seus pets; 32,9% afirmaram que as vezes acontece de compartilhar medicamentos e 28,8% responderam que costumam compartilhar medicamentos que foram utilizados em seus pets para outras pessoas usarem nos seus animais. Segundo estudos de Loyola Filho e colaboradores (2002), compartilhar medicamentos com familiares favorece a automedicação e esta prática ocorre principalmente com o armazenamento e utilização de analgésicos e anti-inflamatórios, medicamentos de venda livre. Não obstante de acontecer na medicina veterinária também.

Ao serem questionados se já tinham medicado seus animais por indicação de outras pessoas que não eram profissionais veterinários, 75,3% responderam que já levaram seus animais para atendente de petshop ou casa agropecuária, 31,5% já medicaram por indicação de familiares e 28,8% por aconselhamento de vizinhos e 27,4 por indicação de amigos. Resultados semelhantes foram observados por Dolce (2014), que traçou um perfil da administração irracional de medicamentos aos animais de companhia antes da chegada ao Hospital veterinário da universidade de Cuiabá (HOVET), a saber: 26% realizados por atendente de pet shop ou casa agropecuária, 22% por vizinhos, 19% pelo profissional médico veterinário, 18% parentes e 15% próprio tutor.

Buscando uma resposta mais fidedigna acerca de quais desses fármacos teria sido administrado no animal por conta própria, optou-se por incluir questão fechada e os participantes podiam responder mais de uma classe de medicamento.

No Gráfico 5 observa-se em maior número o uso de vermífugo 62 (84,9%), polivitamínicos 45 (61,6%), seguido do emprego dos analgésicos 39 (53,4%), AINES (anti-inflamatórios não esteroides) 37 (50,7%), anticoncepcionais 36 (49,3%), antibiótico 34 (46,6%), sarnicidas 29 (39,7), antimicrobiano 23 (31,5%), AIES (Anti-inflamatórios esteroidais) 18 (24,7%), estimulantes do apetite 17 (23,3%), antieméticos 13 (17,8%), repositor de flora 9 (12,3%) soluções caseiras e chá 8 (11%), sedativo 2 (2,7%), antitóxico 2 (2,7%), expectorantes 1 (1,4%), outros 3 (4,2%).

Gráfico 5 - Classe de medicamentos mais utilizados.



Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

Conforme Souza Júnior *et al.*, (2016), as classes mais vendidas de medicamentos veterinários sem prescrição em duas cidades brasileiras (Nanuque - MG e Ponto Belo - ES) foram vermífugos, anti-inflamatórios e antibióticos. Segundo o mesmo, a obtenção de medicamentos que não exige receituário (vermífugos e anti-inflamatórios) e de antibióticos, que embora necessite da apresentação e retenção de receituário veterinário, é comum e de fácil acesso a compra desses medicamentos. Porém, cabe ressaltar que os efeitos indesejáveis podem surgir devido ao uso inadequado ocasionando um potencial risco de intoxicações, efeitos colaterais, resistência microbiana, dentro outros.

Resultados semelhantes foram obtidos na pesquisa realizada por Ribeiro *et al.*, (2009) realizado na cidade de Garanhuns, Pernambuco, onde a classe dos medicamentos mais

vendidos em farmácias veterinárias sem prescrição do profissional veterinário, foi de antiparasitários, representando 70% do total da pesquisa.

De acordo com Ribeiro *et al.*, (2009), os vermífugos pertencem a uma classe de medicamentos empregados como forma de tratamento ou para prevenir parasitoses. Todavia, é necessário que sua dosagem, posologia e escolha da sua aplicação seja muito bem avaliada e discutida com o profissional veterinário, pois apenas um profissional capacitado saberá entender as necessidades apresentadas pelo animal levando em consideração fatores como a espécie do animal, a raça, o porte, peso, idade, condições em que esse animal vive, se ele é um animal domiciliado, semidomiciliado, se vive em apartamento, características físicas do animal e o mais importante, só o médico veterinário é capaz de investigar a espécie de parasita para depois orientar qual via de administração é a mais recomendada (oral, injetável, pulverização, spray, banho por imersão) além da sua apresentação, uma vez que existem diversos produtos no mercado. Ribeiro *et al.*, (2009), ainda ressalta que, torna-se desnecessário a administração de vermífugos quando não detectada a presença de vermes no animal, pois sua utilização a longo prazo pode contribuir para que esse indivíduo apresente resistência, além de causar danos ao organismo do mesmo.

Diante das respostas sobre automedicação animal, era necessário saber se o tutor saberia identificar caso seu animal estivesse apresentando sinais de intoxicação. Parcela bastante significativa respondeu que achava que sim 38 (52,1%), seguido de 26 (35,6) que responderam que saberiam identificar e 9 (12,3%) não saberiam identificar. É sabido a importância de identificar o estado de saúde do animal, uma vez que ignorando esses sinais é fatídico que ocorram agravos.

Foi também questionado se o animal já apresentou sinais de intoxicação após serem medicados pelos tutores e 59 (80,8%) responderam que não, 8 (11%) responderam que talvez, e em menor número 6 (8,2%) responderam que sim. As pessoas que responderam ‘sim’ e ‘talvez’ para a questão citada relataram que os medicamentos que causaram intoxicação nos seus animais foram ibuprofeno, diclofenaco, dipirona, amitraz, carrapaticidas e medicamentos de uso humano não especificado.

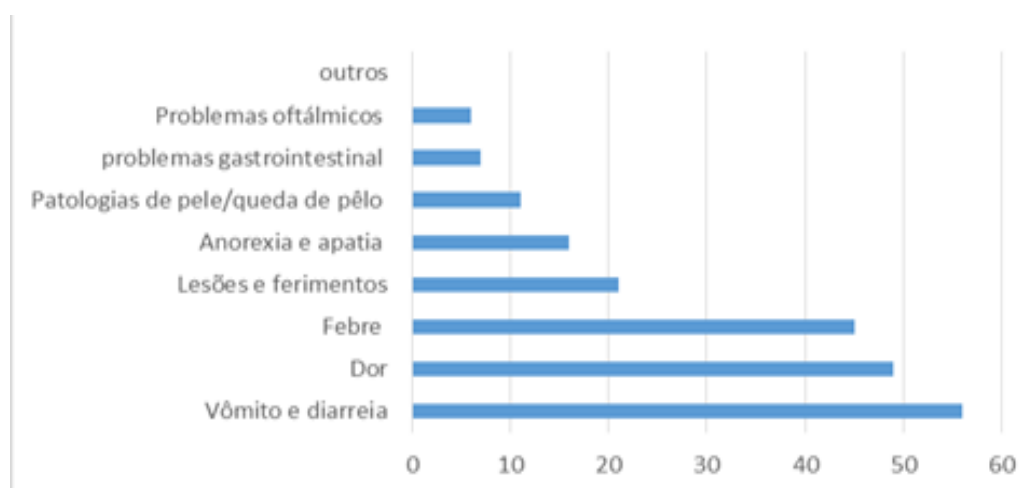
A maioria dos participantes (75,3%) respondeu que costumam interromper o uso do medicamento ao notar sinais de melhora no seu animal e 24,7% responderam que não suspendem a medicação após notar sinais de melhora, cumprindo o tratamento até o final.

É sabido que existem determinadas classes de medicamentos nas quais é necessário realizar a redução gradual da sua administração, também conhecido como “desmame” do medicamento, para minimizar os efeitos da descontinuação do medicamento ao longo dos dias

ou das semanas sem que haja a interrupção de forma abrupta, a exemplo de antibióticos e corticoides, entre outros. A interrupção de medicamento antes do tempo definido possibilita que os microorganismos desenvolvam resistência e em uma próxima ocorrência de infecção esse antibiótico não mais servirá para tratamento.

Por fim, foi questionado aos entrevistados em quais sinais apresentados pelo animal ocorre a imediata administração de medicamentos por conta própria, podendo escolher mais de uma opção (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Principais queixas dos tutores para a prática da automedicação animal



Fonte: Construído com os dados da pesquisa.

Conforme demonstrado no Gráfico acima, as principais queixas que levaram os tutores a medicarem seus animais foram os casos de vômito e diarreia 56 (76,7%), dor 49 (67,1%), febre 45 (61,6%), lesões e ferimentos 21 (28,8%), anorexia e apatia 16 (21,9%), patologias de pele/queda de pelo 11(15,1%), problemas gastrointestinais 7 (9,6%) e problemas oftálmicos 6 (8,2%).

Diante de tudo que foi exposto, enfatiza-se que a administração de medicamentos diante de sinais clínicos demonstrados por animais é de exclusividade do profissional médico veterinário, tendo em vista que qualquer que seja a administração praticada pode estar colocando a vida dos animais em risco ou até mesmo mascarando doenças em potencial, bem como seu uso de forma desnecessária, não tendo ciência do seu devido emprego pode causar consideráveis danos ao organismo do animal bem como gerar resistência do mesmo frente a futuras ameaças patogênicas.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que o uso indiscriminado de medicamentos é frequente entre os tutores de animais do brejo paraibano. O grupo de medicamentos mais empregado sem orientação do profissional responsável é o de vermífugos, o que desperta a atenção, uma vez que seu uso de forma desnecessária pode acarretar no desenvolvimento de resistência e até mesmo selecionar classes de parasitas a longo prazo. Torna-se necessária a existência de campanhas e projetos educacionais e de conscientização aliada a fontes de aconselhamento profissional veterinário voltadas para temática.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. O.; AYRES, M. C. C. Agentes Antinematódeos. In: SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 517-530.
- ANDRADE, S. F.; NOGUEIRA, R. M. B. **Toxicologia veterinária**. São Paulo: Roca, 2011. p. 243-272.
- ANDRADE, M. M. J. Antiinflamatórios Esteroidais. In: SINOSA, H.S. **Farmacologia aplicada a medicina veterinária**. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002, p.240-250.
- AQUINO, D. S. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? **Ciência & Saúde Coletiva**, v.13, p.733–736, 2008.
- BUENO, C. S. Farmácia caseira e descarte de medicamentos no bairro Luiz Fogliatto do município de Ijuí – RS. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básicas e Aplicada**, v.30, n.2, p.75-82, 2009.
- CALONI, F; CORTINOVIS, C; RIVOLTA, M; DAVANZO, F. Animal poisoning in Italy: 10 years of epidemiological data from the poison Control Centre of Milan. **Veterinary Record**, v. 170, n. 16, p. 415, 2012.
- COSTA JUNIOR, J.L.S. **Avaliação do conhecimento sobre medicamentos dos proprietários de cães e gatos em Aracaju/SE 2018**. Trabalho de Conclusão de Curso. Ciências Farmacêuticas, Campus São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10709/2/Jose_Licio_Santana_Costa_Junior.pdf
- DOLCE, V.B.H. **Prevalência de “automedicação” descrita na anamnese em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade de Cuiabá/MT**. 39 f. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Biociência Animal, Universidade de Cuiabá, Cuiabá, 2014.
- EICKHOFF, P. Gerenciamento e destinação final de medicamentos: uma discussão sobre o problema. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 90, n. 1, p. 64-68, 2009.
- FERNANDES, L.C. **Caracterização e análise da farmácia caseira ou estoque domiciliar de medicamentos**. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Faculdade de Farmácia, UFRGS, 2000.

FERRACINI, T. F; BORGES FILHO, W. M. **Prática farmacêutica no ambiente hospitalar: do planejamento à realização**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2010.

FORBES, B. A.; SAHM D.F; WEISSFELD A.S. **Diagnostic microbiology**. 12th ed., St. Louis, MO: Mosby Elsevier, 2007.

FORTES, F.S.; MOLENTO, M.B. Resistência anti-helmíntica em nematoides gastrintestinais de pequenos ruminantes: avanços e limitações para seu diagnóstico. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 33, n. 12, p. 1391-1402, 2013.

FUJITA, P. L. A bula de medicamentos e a regulação de suas configurações em termos de forma e conteúdo no Brasil. **Revista Saúde e Sociedade**, v.23, n.02, p.277-292, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n1/0104-1290-sausoc-23-01-00277.pdf>>.

GEARY T. 2013 Comunicação pessoal (**Institute of Parasitology, McGill University, Canada**).

GONZÁLEZ, F. H. D.; SILVA, S. C. **Minerais e vitaminas no metabolismo animal. Laboratório de Análises Clínicas**, Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2019.

HAWKEY, Peter M. The origins and molecular basis of antibiotic resistance. **Bmj**, v. 317, n. 7159, p. 657-660, 1998.

HAWKEY, P. M. The growing burden of antimicrobial resistance. **Journal of antimicrobial chemotherapy**, v. 62, n. suppl_1, p. i1-i9, 2008.

JERICÓ, M. M.; MARCO, V. Anti-inflamatórios esteroidais. In: SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 261-270.

LAPORTE, J.R.; TOGNONI, G.; ROSENFELD, S. **Epidemiologia do medicamento**. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1989.

LEITE, C. L.; JÚNIOR, V. A. J.; CÍRIO M. S. Prescrição de medicamentos veterinários por leigos: um problema ético. **Revista Acadêmica de Curitiba**, v. 4,n.4, p. 43-47, out./dez. 2006

LITTLE, S. E.; RICHARDSON, J. A. Toxicologia. In: LITTLE, S. E. **O gato: medicina interna**. Rio de Janeiro: Roca, 2016. p. 880-899.

LIMA, G. B.; NUNES, L. C. C.; BARROS, J. A. C.; Uso de medicamentos armazenados em domicílio em uma população atendida pelo Programa Saúde da Família. **Ciência Saúde Coletiva** 2010; 15(Supl. 3):3517-3522.

LOYOLA FILHO, A. I. de L.; UCHOA, E.; GUERRA, H. L.; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do Bambuí. **Revista Saúde Pública**, v.36, n.1, p.55-62, 2002.

MARGONATO, F. B.; THOMSON, Z.; PAOLIELLO, M. M. B. Determinantes nas intoxicações medicamentosas agudas na zona urbana de um município do Sul do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 333 - 341, 2008.

MARIN, N.; LUIZA, V.L.; OSORIO-DE-CASTRO, C.G.S.; MACHADO-DOS-SANTOS, S. **Assistência farmacêutica para gerentes municipais**. 20.ed. Rio de Janeiro: OPAS/OMS, 2003. 20.ed p.287

MARTINS, D.B.; SAMPAIO, A.B.; ROSSATO, C.K.; SILVA, A.A., KRAMMES, R. Intoxicação por acetato de diminazeno em cães: O que é preciso saber? **Ver. Ciência e Tecnologia**. Rio Grande do Sul, v.1, n.1, p.29-39, 2015

MEDEIROS, R.J.; MONTEIRO, F.O.; SILVA, G.C.; JÚNIOR, A. N. Casos de intoxicações exógenas em cães e gatos atendidos na Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense durante o período de 2002 a 2008. **Ciência Rural**. Santa Maria - RS, v. 39, n. 7, 2009. p. 2105-2110.

MELLO, F. P. S.; GAIRA, M. S.; KLEIN, N. **Incidência de automedicação em cães e gatos atendidos no hospital veterinário da PCRS de julho de 2007 a junho de 2008**. Uruguaiana, RS:[s.n.], 2008.

MENON, S. Z. Reações adversas a medicamentos (RAMs). **Saúde em Revista**, Piracicaba, v. 7, n. 16, p. 71 - 79, 2005.

NASCIMENTO, J.F.R. **Administração de medicamentos sem a orientação do médico veterinário em animais de companhia na Cidade de Areia – PB**. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação, Curso de Medicina Veterinária, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Paraíba – Areia – PB, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16239>

PAULO, L.G. & ZANINE A. C. Automedicação no Brasil. **Rev. Ass. Med. Bras.**, **34**: 69-75, 1988.

PINTO, A. F. R. **Panorama nacional da medicação de cães e gatos sem aconselhamento médico veterinário**. In: Khan, 2010; Richardson, 2000. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2012.

QUESSADA, A. M. Uso de medicamentos sem prescrição Médico - Veterinária – comunicação. **Revista Veterinária Notícias**. Uberlândia. V 16. n 2 p 69-71, 2010.

RANG **Farmacologia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

RANG, H. P.; DALE, M. M.; RITTER, J. M.. **Farmacologia**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997. 692 p.

RECHE JÚNIOR, A.; PIMENTA, M. M. Aspectos diferenciais no uso de fármacos em felinos. In: RABELO, R. C. **Emergências em pequenos animais: condutas clínicas e cirúrgicas no paciente grave**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. P. 583-590.

RIBEIRO, M. A., HEINECK, I. Estoque domiciliar de medicamentos na comunidade ibiaense acompanhada pelo programa saúde da família, em Ibiá – MG. **Revista Saúde e Sociedade**, v.19, n.3, p.653-663. 2010.

RIBEIRO, S. C. R.; SILVA, M. R. T.; FREITAS FILHO, J. R. **Medicamentos mais vendidos em farmácias veterinárias sem prescrição médica análise da bula**. Guaranhuns, PE: [s.n.], 2009.

RODRIGUES M. P. **Intoxicação ao alcance dos focinhos**. In: Rio Verde Agora, publicado em 2011. Disponível em: <http://www.rioverdeagora.com.br/colunas/cotidiano/post/intoxicacao-ao-alcance-dos-focinhos>. Acesso em: 3 Nov. 2020.

RODRIGUES, L. M. N., ARAÚJO, L. D. A., SOUZA, A. K. L. D., PALÁCIO, L. D. P., RAYMUNDO, D. G., & SANTOS, L. D. F. L. D. (2017). **Intoxicação por ivermectina em cão da raça Maltês Relato de Caso**. *Ciência Animal.*, 55-57.

SANTOS, M. A.; MARUSO, R. M.; DOMINATO, A. A. G. Intoxicações em animais domésticos: prevalência e exames laboratoriais. **Colloquium Agrariae**. Presidente Prudente, v. 9, p. 91-105, jul./dez, 2013.

SCHENKEL, E.P. **Cuidado com os medicamentos**. 2.ed. Porto Alegre: Editora Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

SCHELL, M. M.; GWALTNEY-BRANT, S. M. OTC drugs. In: POPPENG, R. H.; GWALTNEY-BRANT, S. M. **Small animals toxicology essentials**. Hoboken – NJ: Wiley-Blackwell, 2011. P. 231-239.

SILVA, P. R. M.; QUESSADA, A. M.; FREITAS, M. V. M. Conduta adotada por balconistas de farmácias veterinárias frente a casos relatados de mastite bovina. **Revista Brasileira de Medicina Veterinária**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 65-68. 1999.

SILVA, A. V. A.; FONSECA, C. G. S.; ARRAIS, D. S. P.; FRANCELINO, V. E. Presença de Excipientes com Potencial para Indução de Reações Adversas em Medicamentos Comercializados no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 44, n. 3, 2008.

SILVA, J. R. Avaliação do uso racional de medicamentos e estoque domiciliar. **Revista Ensaios e Ciências: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, v.16, n.01, p.109-124, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/260/26025372008.pdf>>.

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO - FARMACOLÓGICAS. **Tabela 4. Casos Registrados de Intoxicação Humana, de Intoxicação Animal e de Solicitação de Informação por Agente Tóxico. Brasil, 2017**. [Internet]. Fonte: MS / FIOCRUZ / SINITOX [citado em 25/05/2020]. Disponível em: https://sinitox.icict.fiocruz.br/sites/sinitox.icict.fiocruz.br/files//Brasil4_1.pdf.

SOUZA JÚNIOR, L. O.; BREMER, D. K. C.; SOUZA, K. P.; **Panorama do comércio de medicamentos veterinários sem receita em lojas de produtos agropecuários nas cidades de Nanuque/MG e Ponto Belo/ES, e os perigos que esse fato pode acometer à saúde pública**. In: CONGRESSO NACIONAL DO CONHECIMENTO – CONAC. Redes Sociais e Aprendizagem: Reinventando o Conhecimento, 2016, Porto Seguro. RESUMOS. Porto Seguro, 2016. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/39314022-Laureano-orneles-de-souza-junior-graduando-em-farmacia-centro-universitario-de-caratinga-campus-unec-de-nanuque.html>>.

SOUZA, L.J.E.X.de; RODRIGUES, A.K.de C.; BARROSO, M.G.T. A família vivenciando o acidente doméstico – relato de uma experiência. **Revista latino-americana de enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, p. 83-89, janeiro 2000.

SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

TALCOTT, P.A. Nonsteroidal Antiinflammatories. In: PETERSON, M.E., TALCOTT, P. A. **Small Animal Toxicology**. 2ed. Saint Louis: Saunders, 2006, p. 902-928.

TASAKA, A. C. Anti-inflamatórios não esteroidais. In: SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 245-259.

WORLD COUNCIL OF CHURCHES - WCC. **Promoting rational use of medicines**. Contact, n. 183, p. 1-32, 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **The safety of medicines in public health programmes: pharmacovigilance an essential tool**. 2006. Disponível em <www.who.int/entity/medicines/areas/quality_safety/safety_efficacy/Pharmacovigilance_B.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2008.

ZIELKE, M.; CARVALHO, L.F.; SALAME, J.P.; BARBOZA, D.V.; GASPAR, L.F.J.; SAMAPAI, L.C.L. Avaliação do uso de fármacos em animais de companhia sem orientação profissional. **Science and Animal Health**. Pelotas – RS, v.6, n.1, p.29-46, 2018.

APÊNDICE A – SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

USO INDISCRIMINADO DE MEDICAMENTOS EM ANIMAIS POR TUTORES DO BREJO PARAIBANO

Caro (a) participante,

Antes de tudo gostaríamos de agradecer sua participação e seu interesse em contribuir de forma voluntária com a nossa pesquisa.

Você está colaborando para melhoria da saúde e bem estar dos animais.

Esta pesquisa tem objetivo acadêmico, portanto, as informações aqui prestadas são sigilosas e anônimas, e busca investigar os grupos de medicamentos que são mais administrados indiscriminadamente por tutores de animais do Brejo Paraibano que praticam a automedicação animal, bem como compreender os pontos que os motivam a realizar essa prática, e se os mesmos estão cientes dos riscos inerentes a saúde do animal.

Os dados aqui gerados resultarão no trabalho de conclusão de curso da discente Kamilla Moreira da Costa, graduanda de Medicina Veterinária pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB sob orientação da Prof^a. Dra Anne Evelyne Franco de Souza

Desconfortos e riscos:

Não existe risco ou desconforto ao participar dessa pesquisa.

Benefícios:

A pesquisa irá contribuir para a percepção dos possíveis danos a saúde do animal no âmbito da automedicação indiscriminada, e igualmente, deixar dados que serão utilizados com benefício para construção de melhores políticas de caráter preventivo a respeito da automedicação animal

Contato:

Em caso de dúvidas sobre essa pesquisa e sua finalidade, você poderá entrar em contato com Kamilla Moreira da Costa, por e-mail kamilla.costaaaa@gmail.com

Declaro que li as informações acima.

APÊNDICE B – MODELO DO FORMULÁRIO

USO INDISCRIMINADO DE MEDICAMENTOS EM ANIMAIS POR TUTORES DO BREJO PARAIBANO

Nessa seção a pesquisa busca conhecer o perfil do participante

Sexo:

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ outro

Cidade:

Faixa etária:

- ☐ Entre 18 a 25 anos
- ☐ Entre 26 a 35 anos
- ☐ Entre 36 a 45 anos
- ☐ Acima de 46 anos

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino Superior incompleto
- ☐ Ensino Superior completo
- ☐ Pós-graduação incompleto
- ☐ Pós-graduação completo

Possui animal de estimação?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Quantos animais você possui?

☐ 1

☐ 2

☐ 3

☐ 4

☐ 5 ou mais

Qual espécie do seu animal?

☐ Canino

☐ Felino

☐ Bovinos

☐ Equinos

☐ outros

Nessa seção questionaremos sobre a automedicação

Você conhece o termo automedicação animal?

☐ Sim

☐ Não

☐ Já ouvi falar mas não sei o que significa

Você já medicou seu animal por conta própria?

☐ Sim, uma vez

☐ Frequentemente

☐ Não

Qual medicamento você utilizou?

Você conhece os riscos de medicar seu animal sem a prescrição do médico veterinário?

☐ Sim, conheço.

☐ Sim, conheço porém medico mesmo assim

☐ Não conheço os riscos

☐ Não existe riscos

Você tem hábito de ler a bula do fármaco antes de administrar no animal?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ As vezes

Você já medicou seu animal antes de levar ao veterinário?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ As vezes

Você já pesquisou em sites de buscas informações para medicar seu animal?

- ☐ Sim, uma vez
- ☐ Não
- ☐ Sim, algumas vezes

O que te motiva a medicar seu animal sem antes ir ao médico veterinário?

- ☐ Não tenho condições financeiras
- ☐ Não tem médico veterinário na minha cidade
- ☐ Não acho necessário leva-lo ao veterinário
- ☐ Sempre mediquei por conta própria
- ☐ Pesquisa na internet e administro no meu animal
- ☐ Outros...

Nessa seção questionaremos a respeito dos fármacos

Você tem hábito de guardar fármacos em casa?

- ☐ Sim, para uso humano
- ☐ Sim, pra o uso animal
- ☐ Sim, para uso humano e animal
- ☐ Não costumo guardar

Você compartilha medicamentos que foi indicado para o seu animal para seus amigos e familiares usarem em seus pets?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ As vezes

Você já medicou seu animal por indicação de:

- ☐ Vizinhos
- ☐ Familiares
- ☐ Amigos
- ☐ Atendente de pet shop ou casa agropecuária

Quais desses fármacos você administrou no seu animal por conta própria?

- ☐ Antimicrobiano
- ☐ Antibiótico
- ☐ AINES (anti-inflamatórios não esteroides)
- ☐ AIES (Anti-inflamatórios esteroidais)
- ☐ Vermífugo
- ☐ Polivitamínicos
- ☐ Sarnicidas
- ☐ Hidratação (caseira ou comprada)
- ☐ Repositor de flora
- ☐ Soluções caseiras e chá
- ☐ Antieméticos
- ☐ Estimulantes do Apetite
- ☐ Sedativo
- ☐ Expectorantes
- ☐ Anticoncepcionais

Nessa seção questionaremos sobre intoxicação animal

Você saberia identificar se seu animal estivesse apresentando sinais de intoxicação?

- ☐ Sim
- ☐ Acho que sim
- ☐ Não

Seu animal já apresentou sinais de intoxicação após você medica-lo por conta própria?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

Qual fármaco você usou?

Você costuma medicar seu animal por conta própria em quais situações?

- ☐ Febre
- ☐ Dor
- ☐ vômito e diarreia
- ☐ Anorexia e apatia
- ☐ Patologias de pele/queda de pêlo
- ☐ Problemas gastrointestinais
- ☐ Claudicação
- ☐ Problemas oftálmicos
- ☐ Atropelamento
- ☐ Lesões e ferimento
- ☐ Otite
- ☐ Outros...